



*“Uma Brasília próspera, feliz e com bem-estar não pode conviver com um Entorno miserável, abandonado, desesperançado e afogado na violência”*

# ARTIGO

## UM PORTO SEGURO PARA O BRASIL

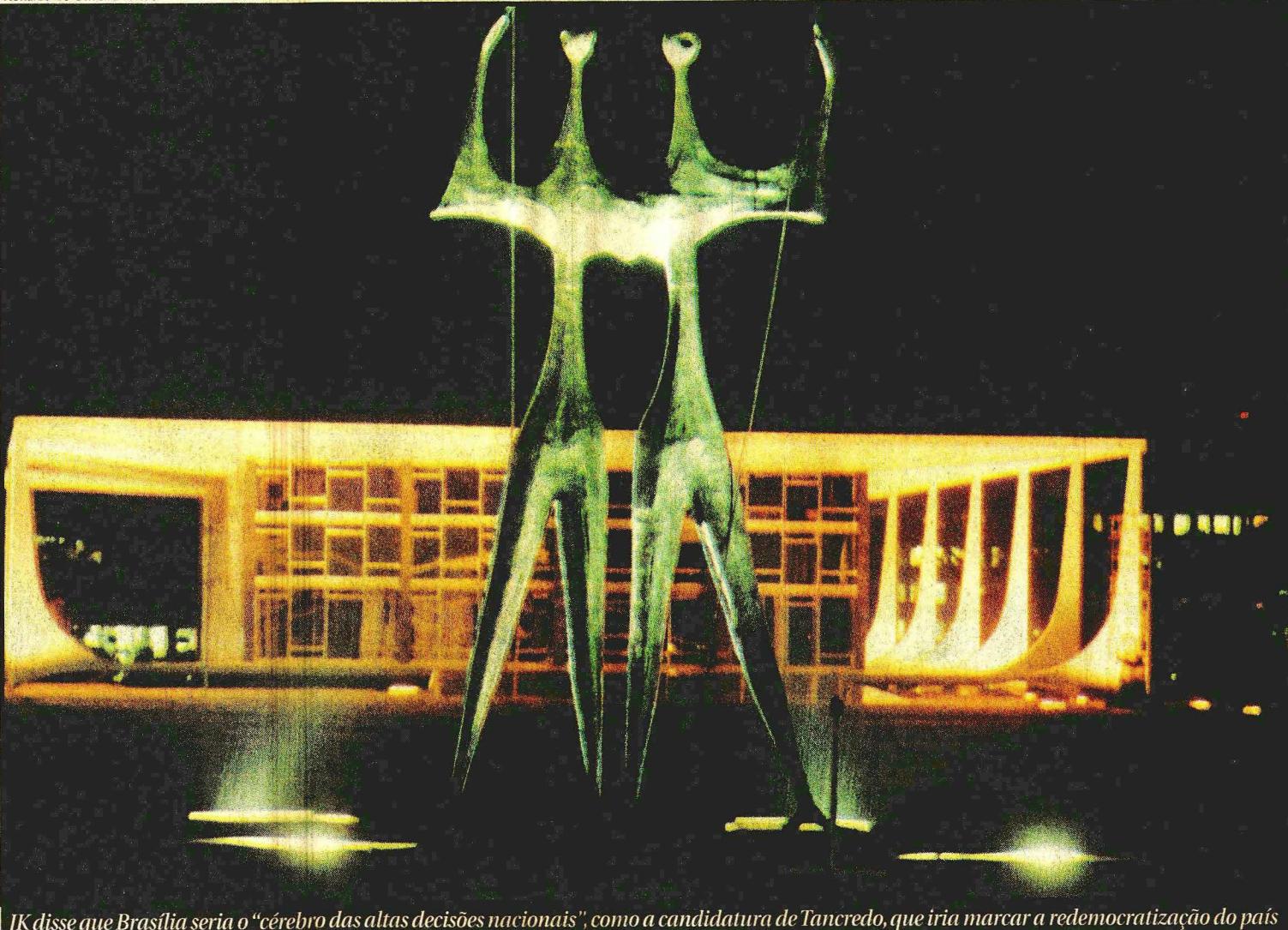
Fernando Henrique Cardoso

No dia 21 de abril de 1960, São Paulo acordou com os sinos das igrejas tocando à zero hora, para anunciar a todos que estava nascendo Brasília, a Capital da Esperança. Eram os anos 60, tínhamos Juscelino Kubitschek como presidente da República e o Brasil deixava de ser o eterno país do futuro. O país se industrializava e todos os sonhos estavam se tornando realidade.

Hoje, Brasília está comemorando os 40 anos de sua inauguração, num instante mágico em que o Brasil também celebra os 500 anos de seu descobrimento.

Há um traço comum entre os navegadores portugueses e Kubitschek. Há cinco séculos, Cabral e seus marinheiros enfunaram as velas de sua esquadra pelo Mar Tenebroso para descobrir o que pensavam ser uma ilha, que veio a se chamar Brasil. Kubitschek virou as costas ao oceano e partiu para redescobrir um novo Brasil perdido no cerrado, onde havia riquezas desconhecidas e um mundo novo. Para ele,

Ronaldo de Oliveira 9.1.96



JK disse que Brasília seria o “cérebro das altas decisões nacionais”, como a candidatura de Tancredo, que iria marcar a redemocratização do país

Brasília foi o porto seguro desse novo Brasil.

Minha primeira ligação com Brasília vem desde o tempo em que pela cidade andavam os pioneiros, quando Darcy Ribeiro me convidou para trabalhar na universidade, que surgia do nada. Eu era jovem e sonhador, mas meus compromissos acadêmicos em São Paulo me impediram que aceitasse o desafio.

Voltei, em 1983, como um senador aprendiz, substituindo André Franco Montoro, que se elegera governador de São Paulo. Aqui, encontrei o verdadeiro Brasil, com sua riqueza e sua pobreza.

Desde então, Brasília não deixa de me surpreender.

Profético, Kubitschek havia dito que Brasília seria o “cérebro das altas decisões nacionais”. Foi aqui que começou a se organizar a candidatura

de Tancredo Neves, que iria marcar a redemocratização do país, com a reconciliação da sociedade com o Estado, das ruas com o poder, da ética e da verdade com a política. Foi diante do Congresso Nacional que a sociedade brasileira exigiu e ajudou a escrever a Constituição cidadã de 1988, consolidando os direitos civis e sociais.

Foi também aqui que, como ministro da Fazenda e a ajuda de um pu-

nhado de dedicados companheiros e servidores públicos, elaboramos o Plano Real, que derrubou a inflação, estabilizou a economia e devolveu a esperança aos brasileiros, permitindo, por exemplo, que 13 milhões de irmãos nossos deixassem a faixa da indigência, como foi reconhecido, recentemente, pela Cepal.

Hoje, nos 40 anos de sua inauguração, Brasília está madura para ser um novo porto seguro que vai permitir a redescoberta do Entorno pela solidariedade. O Brasil deve redescobrir também o Brasil, desafio que lancei há algum tempo. Solidariedade — insisto — não é apenas uma palavra perdida no discurso vazio ou no espaço. Solidariedade é decisão de mudar, de transformar as coisas, os homens, a realidade e o mundo.

Uma Brasília próspera, feliz e com bem-estar não pode conviver com um Entorno miserável, abandonado, desesperançado e afogado na violência e na dissolução do seu tecido social pela falta de solidariedade e cidadania.

Só a cidadania e a sociedade podem consolidar Brasília como uma cidade justa, rica, generosa e solidária.

Então, os sonhos de Juscelino Kubitschek estarão completos. E teremos redescoberto Brasília e o Brasil.